

MATIZES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: conhecendo o fenômeno^a

Janice Regina Rangel PORTO^b
Anna Maria Hecker LUZ^{3c}

RESUMO

O mergulho no mundo de vivências femininas propiciou o desafio de trabalhar com mulheres em situação de violência nas relações conjugais. Objetivo: desvelar os diferentes matizes da violência contra a mulher dentro da esfera conjugal. A abordagem qualitativa foi utilizada como referencial metodológico. Na coleta das informações utilizou-se a técnica de Entrevista Narrativa, tais informações foram submetidas a Análise de Conteúdo. Neste estudo procurou-se dar voz às mulheres, evidenciando-se as estratégias utilizadas por elas no enfrentamento da violência, nos diferentes segmentos da sociedade: família, relações interpessoais, delegacias de polícia e Serviços de Saúde.

Descritores: violência doméstica; saúde da mulher; saúde pública.

RESUMEN

La zambullida en el mundo de los modos de vivir femeninos propició el desafío de trabajar con mujeres en situación de violencia en las relaciones conyugales. Objetivo: desvelar los diferentes matices de la violencia contra la mujer en las relaciones conyugales. El abordaje cualitativo fue utilizado como referencial metodológico. Para la colecta de las informaciones se utilizó la técnica de Entrevista Narrativa seguida del Análisis de Contenido. En este estudio se buscó dar voz a las mujeres, evidenciándose las estrategias utilizadas por ellas al enfrentar la violencia, en los diferentes segmentos de la sociedad: la familia, las relaciones interpersonales, las comisarías y, en los Servicios de Salud.

Descriptorios: violencia domestica; salud de las mujeres; salud pública.

Título: Matizes de la violencia contra la mujer: conociendo el fenomeno.

ABSTRACT

When delving into the world of women's experience, we faced the challenge to work with women at risk in their marital relations. Objective: to unveil the different nuances of violence against women in their marital relations. A qualitative approach has been used as a methodological reference. For information collection, the technique of Narrative Interview was used, and later submitted to Content Analysis. This study sought to give voice to women facing domestic violence and to evidence the strategies they use to cope with assault and batter in different segments of society: family, relationships, police stations and health centers.

Descriptors: domestic violence; women's health; public health.

Title: Nuances of violence against women: knowing the phenomenon.

^a Artigo originado da dissertação de Mestrado em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo o título é: Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado. Trabalho realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES.

^b Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante de Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras.

^c Enfermeira. Doutora em Educação. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Orientadora da Dissertação.

1 INTRODUÇÃO

Diante do desafio de trabalhar com mulheres em situação de violência nas relações conjugais, inicio uma nova caminhada rumo à compreensão dos modos de convívio familiar, tendo como foco a violência de gênero.

Como profissional da área da Saúde constato que há um desconhecimento por parte dos profissionais sobre o fenômeno da violência doméstica e suas diferentes matizes, prejudicando dessa maneira, a assistência oferecida às mulheres que vivenciam diariamente essa problemática. Por esse motivo torna-se cada vez mais necessário refletir a respeito da violência para se compreender melhor em que consiste, de que maneira está presente em nossas vidas e como agir para combatê-la⁽¹⁾.

Uma das violações dos direitos humanos, mais praticadas e menos reconhecida no mundo, é a violência contra a mulher que, por afetar a integridade corporal, o estado psíquico e emocional da vítima, assim como seu senso de segurança, caracteriza-se em problema de Saúde Pública⁽²⁾.

As mulheres que sofrem violência procuram os serviços de saúde, com queixas crônicas e vagas em que, muitas vezes, o resultado de investigações e exames clínicos encontram-se dentro da normalidade⁽³⁾. No entanto, observa-se a falta de capacitação e sensibilidade dos profissionais para investigarem, mais a fundo, a história de cada uma dessas mulheres, antes de rotulá-las como poliqueixosas.

Assim, proponho-me a desvelar, através deste estudo, o cenário de vida/sobrevida de mulheres de classes populares em situação de violência doméstica e as relações de poder constitutivas neste convívio afetivo.

Acredito que o conhecimento e a compreensão da palavra das mulheres, que passam por situações de violência, proporcionará aos profissionais da Saúde, subsídios para a melhoria da acolhida e assistência das mesmas, nos serviços da Rede Pública de Saúde. Daí a relevância desse tema somada à preocu-

pação e comprometimento profissional com a melhoria da assistência integral da mulher, considerando-se suas especificidades.

O mesmo justifica-se pela necessidade de ampliação da atenção à saúde da mulher, pondo em voga outros aspectos relacionados com o bem-estar da população feminina. A violência doméstica, sob o olhar de Saúde Pública, é uma barreira para a promoção da saúde integral da mulher e todo o seu núcleo familiar.

A partir das reflexões realizadas sobre a temática, da inserção na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, aliados aos questionamentos emergentes das leituras realizadas, apresento o objetivo da pesquisa: Desvelar os diferentes matizes da violência contra a mulher dentro da esfera conjugal.

2 METODOLOGIA

A abordagem qualitativa foi utilizada como referencial metodológico, uma vez que permite ao pesquisador entender a essência da realidade concreta e a compreensão de processos sociais e fenômenos intrínsecos à vida humana.

Este estudo teve como cenário uma das sedes de Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras, localizada na Região Cruzeiro do Sul de Porto Alegre, que, por sua vez, caracteriza-se por ser uma região habitada por um contingente populacional com baixo poder econômico, precárias condições de moradia e acesso à educação.

Maria Mulher é uma organização feminista, coordenada por mulheres negras com formações diversas, criada em Março de 1987. Tem por objetivos: combater as discriminações sexista, étnica/racial e social; propor políticas públicas que possibilitem a promoção de cidadania das mulheres, visando à igualdade e equidade de direitos e a instrumentalizar as mulheres negras para que atuem efetivamente na sociedade, como agentes de sua história.

As participantes do estudo foram dez mulheres que vivem ou viveram, pelo menos durante um ano com companheiros agressores.

Essas mulheres chegaram até à Entidade em busca de ajuda para resolver problemas relacionados à violência conjugal e, à medida que se vinculavam às atividades oferecidas por Maria Mulher, foram convidadas pela própria pesquisadora para participar do estudo.

A fim de manter o anonimato das informantes, cada uma delas recebeu um nome fictício.

Para a coleta das informações do estudo, foi utilizada a técnica de entrevista narrativa⁽⁴⁾, uma vez que através dela é possível encorajar e estimular as informantes a contarem a história da violência em suas vidas.

A idéia básica da entrevista narrativa, de acordo com os autores, é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, da maneira mais diretamente possível⁽⁴⁾.

Os aspectos éticos foram preservados considerando que as informantes convidadas a participar receberam informações prévias sobre os objetivos da pesquisa, sua participação e seus direitos baseados nos princípios de beneficência, respeito à dignidade humana e justiça, preconizados pelo relatório Belmont⁽⁵⁾.

Foi solicitada a autorização para gravar as entrevistas em fita cassete, salientando-se à informante que sua identidade permaneceria anônima e as informações por ela fornecidas, seriam utilizadas somente para fins de pesquisa. Nenhuma informante se opôs ao uso do gravador, durante as entrevistas. De acordo com a Lei de Direito Autoral, as fitas são preservadas por um período mínimo de cinco anos e, após, destruídas⁽⁶⁾.

A todas as informantes foi lido o termo de Consentimento Livre e Esclarecido que, após a leitura e as devidas explicações, foi assinado por elas e pela pesquisadora, ficando uma cópia com cada uma delas, de acordo com a recomendação da Resolução 196 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde⁽⁷⁾.

Para a análise das informações optou-se pela utilização da técnica de Análise de Conteúdo⁽⁸⁾ uma vez que esta relaciona estruturas

semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados articulando a superfície dos textos com os fatores que determinam suas características (variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção de mensagem).

Dentro da análise de conteúdo há várias técnicas para se atingir os significados manifestos e latentes no material qualitativo; no entanto, a Análise Temática é uma das mais adequadas ao tratamento de materiais sobre saúde⁽⁸⁾.

Na análise das informações coletadas emergiram quatro temas, desvelando-se, dessa maneira, algumas facetas da violência contra a mulher. Neste artigo serão apresentados os aspectos relacionados aos **matizes da violência contra a mulher**.

3 MATIZES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A história de vida da maioria das informantes deste estudo caracteriza-se por um infância tensa, marcada por forte presença de violência, fenômeno esse que se manifesta, de maneira diferente, na infância e na fase adulta dessas mulheres. Enquanto crianças, vivem em meio à violência, mas pouco podem fazer para mudar a realidade. Na vida adulta, com o início da relação afetiva conjugal elas são seduzidas a um convívio, cujo início, em geral, é tranquilo, mas com um final que lhes é totalmente inimaginável.

A perversidade da violência contra a mulher fica registrada na memória das informantes que relatam cenas de agressão trazidas dos tempos de infância. É como se estivessem assistindo novamente, a um velho e conhecido filme; porém, em suas lembranças, as vítimas não são elas.

Meu pai amarrava minha mãe no pé da mesa e dava nela de corrente... Eu cresci vendo essa violência na minha mãe. E eu pensava pra mim que eu nunca ia ter isso, né? Mas eu não sou tão grave como a minha mãe né? (Elza).

As mulheres falavam de uma violência realizada contra outra pessoa; apenas uma informante relatou ter sofrido violência desde a infância ao ter sido colocada para fora de casa pela própria mãe, após tentativa de estupro, por parte do seu padrasto.

Eu passei muito trabalho! O meu padrasto, quando eu era guria tinha uns sete anos, tentou me estuprar e a minha mãe me botou pra rua. A minha mãe não acreditava quando eu falava, achava que eu tava errada, que ele tava certo, mas eu tava certa no que eu falava pra minha mãe (Vitória).

Teóricos de outros países, apontam a violência familiar como a principal fonte de origem dos meninos de rua⁽⁹⁾. Além da violência, a rejeição e a miséria somam-se aos fatores que dão início à quebra do vínculo familiar⁽¹⁰⁾.

A violência sempre esteve presente na vida dessas mulheres uma vez que, desde cedo, tiveram muitos dos seus direitos humanos violados. Embora este estudo destine-se à temática da violência doméstica, é preciso salientar o agravante da violência racial, pois a maioria das informantes são mulheres negras.

De acordo com a literatura, no que se refere a dados nacionais, a população negra brasileira é a mais pobre, com menor acesso à educação, ao trabalho e aos serviços públicos básicos. Constata-se que a cada mil nascimentos, morrem 37,3 crianças brancas e 62,3 negras e ainda, considerando o percentual de 27,3% domicílios brasileiros, chefiados por mulheres, são as mulheres negras que chefiam os lares mais pobres⁽¹¹⁾.

As desigualdades sociais e raciais assumem um crescente, a medida em que diminuem as condições econômicas dos indivíduos e, isso pode ser observado nos postos de atendimento do Sistema Único de Saúde, nas escolas da periferia, nos bairros e favelas mais distantes, pois encontra-se como maioria os dos afrodescendentes, aqueles e aquelas a

quem a cidadania e os direitos humanos ainda constituem um desejo a ser realizado⁽¹²⁾.

Sem dúvidas, esses agravantes não verbalizados explicitamente, pelas informantes do estudo, há muito comprometem suas condições de desenvolvimento social. De acordo com a Marcha Mundial de Mulheres⁽¹³⁾, a globalização econômica também reforça esse cenário de violência contra a mulher, uma vez que é produto da relação contínua de dominação dos homens sobre as mulheres.

3.1 Da sedução à violência

Das dez informantes deste estudo, nove revelaram que a violência iniciou durante o relacionamento com seus companheiros. A vida afetiva do casal caracterizava-se, a princípio, por tranquilidade e demonstração de carinho por parte de ambos. Com o passar do tempo, essa realidade se transformou em algo negativo e violento.

No começo ele era carinhoso, tu sabe como é o começo. Agora as vezes ele fala: 'Maldita hora que eu te conheci!' (Natália).

O marco referido pelas informantes como o início da violência conjugal é a gravidez ou nascimento do primeiro filho do casal. Em seus relatos constatou-se que a subordinação, assim como a opressão de gênero acontece, comumente, por controle do corpo feminino⁽¹⁴⁾. Com o advento da gestação o companheiro passa a ver o corpo da mulher como uma propriedade sua, já que foi capaz de fecundá-la.

Depois que eu fiquei grávida dele, que daí ele achou que eu era uma propriedade dele, que eu era dele, que eu não podia olhar pra ninguém, que eu não podia sair com ninguém. Que era dele, sabe? Eu acho que era uma doença, sei lá eu. Não sei como explicar o que que é, sei que depois eu fiquei grávida... porque enquanto eu não tava grávida ele me xingava em palavras mas até aí eu não dava

bola, mas depois que eu engravidei, acho que eu tava com uns três ou quatro meses daí ele começou sabe? Com palavras mais fortes aí depois que eu ganhei sim que ele começou me violentar mesmo [...] (Conceição).

Em suas falas fica evidente a necessidade masculina de dominar o corpo da mulher, e a gestação aparece com um dos caminhos. Quando uma mulher com baixa escolaridade e, conseqüentemente, com pouco acesso ao mercado de trabalho fica grávida, ela acaba por se encerrar ainda mais no ambiente doméstico, enquanto o homem continua, sua vida normalmente, na esfera pública. A dependência emocional faz com que as mulheres procurem agradar o companheiro mesmo quando percebem que ele não está correspondendo às suas expectativas.

Eu achava que era por causa do ciúmes aí tentava demonstrar que eu era fiel, que eu realmente gostava dele, daí foi passando, foi passando ... (Isabel).

Fatores como o ciúme, a primeira gestação, bem como a chegada do primeiro filho parecem ser os elementos impulsionadores dos primeiros atos de violência física dos companheiros⁽¹⁵⁾.

Ao confinar o corpo à região das coisas observáveis, manipuláveis e controláveis perpetua-se, em nossa sociedade a mentalidade, de que o corpo é uma entidade privilegiada para o exercício da dominação⁽¹⁶⁾. Para algumas mulheres a violência já acontecia antes da gravidez, mas o fato de ter apanhado durante a gestação tornava-se mais significativo.

[...] até grávida desse daí ele tinha me batido grávida, sabe? Acho que eu tava começando com uns dois meses de gravidez já, sabe? (Natália)

As mulheres sentem-se desrespeitadas por seus companheiros quando a agressão acontece durante o período de gestação. Esse sentimento remete a reflexões sobre as desigualdades exis-

tentes entre os gêneros e o lugar da sexualidade na democratização da intimidade conjugal.

No contexto de vida dessas mulheres observa-se que a violência física, efetivada por seus companheiros, parece querer repor a disponibilidade do corpo e da sexualidade da mulher⁽¹⁵⁾.

As informações coletadas confirmam que a gravidez é percebida pelos homens como um momento de possível perda da sua autonomia sobre o corpo feminino, sendo a agressão física o meio encontrado por eles para mostrar quem está no comando da relação.

3.2 Dinâmica familiar

Na análise das histórias de vida das mulheres observa-se que a violência é algo constante no dia-a-dia dessas famílias, como um pacto inconsciente ou uma linguagem que estrutura diariamente o contrato conjugal de muitos casais⁽¹⁷⁾.

No relato de Isabel observa-se que a vida social do casal encontrava-se, muitas vezes, comprometida em função de crises de ciúmes e discussões constantes.

Eu já não saía com ele a barzinho, eu não ia dançar, a baile nem pensar. Mercado, era só pra me incomodar, né? O vizinho olhou pra mim ou se um senhor me pede uma informação eu não podia dar. Eu era totalmente muda, cega, sabe? Que nem minha irmã me diz 'muda, cega e louca, porque tu tava louca!' Ela diz assim pra mim [... risos] - (Isabel).

Os companheiros de apenas quatro das informantes estavam empregados: um exercia a atividade de taxista e os demais eram pedreiros, trabalhando em obras, quando havia serviço. Nenhum deles possui a carteira assinada e o comprometimento com o sustento do lar era esporádico.

As necessidades humanas básicas dessas famílias também encontram-se comprometidas uma vez que, as principais dificuldades encontradas por essas mulheres era a

falta de alimentos, roupas e adequadas condições de moradia e saneamento.

Eu não tenho nem sal dentro de casa pra dar para minhas filhas. Eu dô graças a Deus que eles tão na creche, sabe? Dô graças a Deus que a fulana paga a creche e elas tão na creche, senão o que eu ia ser das minhas filhas [chora] elas dependem de mim... Ele não ajuda em nada em casa, se ele faz um biscate assim, ele vai direto pro bar... eu saio a pedir nas casas assim... (Elza).

As mulheres relatavam que seus companheiros não estavam comprometidos com o sustento do lar, pois quando conseguiam algum recurso financeiro, gastam em bares com bebidas, drogas e mulheres.

Eu saía de dia pra dar comida pra eles de noite porque o meu marido não dava nada pra nós e quando nós tinha ele comia junto. E quando ele não queria que ninguém comesse, ele botava tudo fora... jogava fora... entendeu agora? (Vitória).

Ora, se os companheiros não são os provedores financeiros do lar transfere-se automaticamente para a mulher a responsabilidade com a alimentação, educação, saúde e vestuário dos filhos.

De acordo com dados da Rede Nacional Feminista de Saúde⁽¹⁸⁾, o fenômeno das famílias sustentadas por mulheres vem crescendo em todas as regiões do País. Essa atual representação das mulheres como chefes de família vem, ao longo das últimas décadas, transformando o cenário social brasileiro.

A partir do recorte étnico/racial que este estudo se propõe a dar visibilidade, salienta-se que todas as mulheres, do estudo, encontravam-se em situação de extrema pobreza e exclusão social. Os agravantes de desigualdades, preconceito e discriminação, entranhados no cotidiano nacional sob forma de cultura e relações de poder, fazem com que o número de mulheres

negras a vivenciar situações de pobreza seja o dobro em relação às mulheres brancas, na mesma situação⁽¹⁸⁾.

A dinâmica familiar das mulheres entrevistadas era pontualmente marcada por uma mescla entre a violência física, psicológica e sexual.

Nas histórias contadas pelas mulheres desse estudo, observa-se que geralmente os episódios de agressão aconteciam diante de outros membros da família, reforçando, dessa maneira, o desrespeito do homem para com a sua companheira. Por vezes, a violência contra a mulher envolvia, direta ou indiretamente, todos os membros da família.

Na frente do meu pai, na frente do meu pai e dos meus filhos... o meu pai não conseguia me ajudar porque ele tem problema na perna que ele machucou quando ele era mais novo. Ele tem uma platina na perna então ele tem dificuldade de caminhar. Então ele só ficava olhando também, que nem os meus filhos (Conceição).

A intensidade da agressão foi destacada nas falas dessas mulheres. Algumas informantes trouxeram relatos de violência física graves, nos quais a morte lhes parecia iminente.

Muitas vezes eu fico pensando como ele não... eu acho que é Deus que tava ali no meu ladinho, sabe? Sempre do meu lado pra... que ele nunca me matou! Porque eu tinha a impressão de que como ele me pegasse assim com muita raiva ele a me matar, só me largar quando eu desmaiasse ou quando acontecesse alguma coisa mais grave, porque ele não parava! Por mais que eu implorasse, por mais que... tinha que vir alguém correndo tirar, era um caos pra tirar ele de cima de mim, né? Geralmente no cabelo... a pessoa tinha que ter muita força pra tirar ele de cima de mim (Isabel).

A periodicidade da violência varia. Sabe-se que mulheres envolvidas em relacionamen-

tos conjugais violentos vivenciam constantemente a reprodução de um ciclo de violações que se apresenta com diferentes dinâmicas de funcionamento. Para algumas, a agressão é freqüente e, para outras, pode apresentar-se com intervalos mais amplos; no entanto, repete-se por meses ou anos.

No começo era quase todos os dias, sabe? Mas depois de um tempo começou assim ele dava era no final de semana, ou só quando bebia mas de uns tempos pra cá era dia-a-dia. Era são era, bêbado, era sem usar droga, era com usar droga. Mas se ele usava droga e bebia era pior... daí ele me deixava desmaiada... (Conceição).

Outro tipo de violência que foi bastante referido pelas informantes do estudo é a agressão psicológica. Para algumas mulheres a violência psicológica é muito pior que a violência física e acontece com maior freqüência. Esse tipo de violência é definida pelo Ministério da Saúde como toda a ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa⁽³⁾.

Só que como eu disse que ia dá parte dele, aí ele nunca mais me bateu, mas ele me ofende com palavras, que às vez a palavra é pior do que um tapa (Minerva).

A violência psicológica também é relativa à falta de valorização e banalização do serviço doméstico da mulher, por parte companheiro, interferindo na auto-estima dessas mulheres, fazendo com que elas sintam-se humilhadas e desvalorizadas.

Aquela toalha que eu alvejei que tava limpinha na mesa ele derramava o café por cima e não queria saber sabe? O chão tava limpinho, passado cera, a casa cherozinha tudo limpinho se ele tivesse que vomitar no chão, entrar com os pés sujos ele entrava puro barro. Uma coisa que eu passei a semana inteira arrumando e zelando ele em vinte minutos

botava tudo de pernas pro ar. Quanta coisa foi quebrada... (Isabel).

Nos relatos ficou evidente que os companheiros agressores freqüentemente escolhiam as roupas que as mulheres podiam vestir, colocando fora as que não aprovavam, proibiam-nas de trabalhar, estudar e conversar com outras pessoas.

A minha roupa, eu não tenho roupa. Eu não tenho, essa roupa que eu tenho aqui é tudo emprestada dos outros porque eu não tenho uma peça de roupa, ele botou tudo as minhas roupas fora (Luísa).

A violência não parava por aí, uma vez que a vida sexual das informante era fortemente marcada por violações. Todas relataram que eram obrigadas a manter relações sexuais com o companheiro, embora sem vontade, e, muitas vezes, o faziam por medo de serem agredidas fisicamente.

Eu não sentia nem prazer, nem necessidade! Não sentia, eu simplesmente não queria mais ter... Aí era razoável, assim era pra satisfazer ele... sabe? Não tinha beijo na boca, carinho, seio, nada! Era papai/mamãe e só. Assim, mais nada (Isabel).

A violência sexual caracteriza-se por toda a ação na qual uma pessoa impõem uma relação de poder e por meio da força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização⁽³⁾. A maioria das entrevistadas eram obrigadas a manter relações sexuais forçadas e essa situação era agravada quando havia uso de drogas por parte do companheiro.

Tentava. Agarrava nos braço às vezes à força. Às vezes quando ele tava drogado que ele chegava drogado... Tinha que ter à força. Olha eu vou ser bem sincera pra ti, por mim eu não tinha nem mais vontade de fazer relações sexuais com

ele. Eu tinha nojo dele de tanto que ele me fazia. Não, me desculpa né? Eu não sou machorra mas como é que tu vai ter prazer sendo judiada por uma pessoa, sendo mal tratada, sempre cavalo. Pra mim era sempre estúpido, não sei pras outras (Vitória).

Era um pouco com violência... era um pouco com violência... algumas coisas que eu tinha que fazer sem querer mas eu tinha que fazer porque ele tava drogado, então era só abaixo de violência. Não era com carinho, não era com nada. Nem com conversa, era na hora que ele chegava do jeito que ele queria e como ele queria e eu tinha que ceder se não eu não cedesse eu apanhava (Conceição).

A violência sofrida acarreta a falta de desejo sexual das mulheres, no entanto, quando a mulher se nega a ter relações com o companheiro eles freqüentemente as acusam de estarem tendo algum relacionamento extra-conjugal. Ao perder o controle sobre o desejo feminino um sentimento de rejeição é incorporado pelos homens, gerando mais violência.

Aí ele, aí no fim acabo fazendo amor à força, sem querer, sabe, sem, vamos supor, aquele tesão que todo mundo, as mulher falam... o tapa que ele dá ele esquece, mas quem leva não esquece... aí às vezes eu até dou porque se eu não der eu vou apanhar mais ainda porque daí ele começa a dizer, 'se tu não quer me dar é porque tu tem outro na rua, porque tu é vagabunda, que não sei o quê'... então às vez eu me sujeito a dar pra não apanhar de novo (Minerva).

A reprodução e a sexualidade devem ser entendidas como espaços dotados de cidadania, tornando-se portanto, instância da vida social plenas de valores e referência éticas para convivência cotidiana⁽¹⁹⁾.

Nessa trama sexual o cuidado com a saúde também era negligenciado. O uso de preservativos não era uma prática comum entre os casais, ficando a mulher dependente do de-

sejo ou não do companheiro em fazer uso desse insumo e se expondo a doenças sexualmente transmissíveis.

Não... se eu usava eu não tinha doença, né? Pior que é! (Vitória) – Informante infectada pelo vírus da imunodeficiência adquirida (HIV).

Mesmo percebendo a condição de oprimida em um relacionamento violento essas mulheres acrescentaram à violência física, sexual e psicológica do marido, a sua auto-violência emocional, sua incapacidade de dar um fim a uma situação aparentemente insuportável⁽¹⁷⁾.

Em um estudo sobre a violência conjugal a partir do discurso masculino, realizado no estado da Bahia, os homens entrevistados justificaram o ato agressivo pela traição, pelo uso de álcool e pela falta de dinheiro⁽²⁰⁾.

Concordo com a antropóloga Miriam Grossi⁽¹⁷⁾ que ao se inspirar em Foucault visualiza a violência, no cenário das relações afetivas e sexuais como um jogo a ser vivenciado a dois, um teatro encenado por cada casal e que comporta regras, nem sempre conscientes, a que se submetem os parceiros. Acredito que essa relação só será rompida quando um dos integrantes dessa trama sentir-se totalmente sem benefícios em relação a sua permanência no relacionamento.

3.3 O ciclo da violência doméstica

A teoria do ciclo da violência doméstica, desenvolvida pela psicóloga norte-americana Leonore Walker em 1979 aponta que nem todos os momentos do relacionamento são marcados pela agressão à mulher⁽²¹⁾. Esse ciclo pode ser facilmente observado no relato das histórias de vida das informantes desse estudo.

Porque é aquilo, começa e aí tu acha assim, não foi uma vez, ele não vai fazer mais. E aí chora, diz que não vai fazer mais, promete e no fim acaba sempre caindo na mesma coisa (Luísa).

O cotidiano formado em torno do ciclo de agressões faz com que a mulher fique sempre desejando e acreditando na mudança do companheiro. E assim, constantemente adiando uma denúncia ou o rompimento com o agressor.

[...] às vezes eu tento me controlar, pra vê o que vai melhorar né? Mas às vezes eu penso que é só uma crise porque ele tá desempregado, eu também tento dá chance, pra novas oportunidades de melhora, mas ele também só parado sabe... não se resolve... (Otília).

A compreensão do funcionamento do ciclo da violência contra a mulher torna-se fundamental para os profissionais entenderem os mecanismos de manutenção de tais relacionamentos. Esse ciclo caracteriza-se por três momentos marcantes: a fase de tensão, caracterizada por insultos, humilhação e provocações mútuas; o episódio agudo de violência, marcado pelos diferentes tipos de agressões; e a fase de lua-de-mel, em que o casal realiza promessas mútuas, ocorre uma idealização do parceiro e a negação da vivência de violência⁽²²⁾.

Embora as mulheres não se percebam inseridas em um ciclo de violência, em suas falas foi possível identificar algumas fases características desses tipos de relações conjugais, principalmente as constantes tentativas de reconciliação, seguidas de renovados fracassos e novos episódios de agressões físicas e psicológicas.

Aí ficamos mais um tempinho numa boa e depois começou tudo de novo. Parava e começava, parava e começava! Mas ele nunca parou de beber, sabe? Quando ele tava numa boa ele bebia um pouquinho aí parava, ele sentia 'é agora que ela vai reagir, eu vou parar um pouco, vou mostrar que mudei'. Ele tava sempre querendo mostrar que tinha mudado e não mudava e quando eu tava acomodada, começava tudo de novo... (Isabel)

Geralmente o agressor não perde o controle, mas utiliza a violência como uma forma de

intimidação e controle sobre a mulher e/ou filhos, considerando as diferentes fases do ciclo de violência que estrutura o casal⁽²¹⁾. Dessa maneira o companheiro, conforme a própria informante, vai aquietando-a dentro da relação, alterando, de diferentes maneiras, o uso do poder sobre a família.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho emergem ao longo das reflexões e análises realizadas, a partir das entrevistas narrativas com as dez mulheres que contribuíram com seus relatos.

A temática em questão refere-se a um tipo específico de violência, que exige do governo e da sociedade em geral políticas públicas pontuais, considerando todas as especificidades (gênero, classe social, raça/etnia, idade e escolaridade).

A violência vivenciada pelas mulheres assume diferentes matizes, de acordo com sua faixa etária, período de vida e situação conjugal. Constatou-se, que na infância, elas já se encontram inseridas em um contexto de violência doméstica, freqüentemente, agravado ou em consequência de violações dos seus direitos humanos, marcado por condições de exclusão social.

Considerando o aspecto geracional da violência, é difícil compreender em que parte da vida dessas mulheres, ou de seus antepassados, a violência teve início. O que se observa é que algumas gerações, assim como alguns membros da família (mulheres e crianças), sofrem mais do que outros as consequências desse fenômeno universal.

De diferentes maneiras, a violência perpassou a vida infantil das mulheres entrevistadas e para muitas, materializou-se na agressão contra a mãe, tia, irmãos ou vizinha. Evidencia-se a percepção infantil de que a violência acontece contra o outro e ela não é atingida.

A violência presente nas relações interpessoais na comunidade, local de desenvolvimento do trabalho, atinge, de diferentes ma-

neiras, seus moradores, uma vez que, a violência relacionada à criminalidade (tráfico de drogas, roubos e estupros) atingem mais os homens enquanto as mulheres são vítimas, preferencialmente, da violência doméstica, perpetuada pelos seus companheiros.

A maioria delas referiu como marco inicial da violência, a vida conjugal, tendo o relacionamento afetivo dessas mulheres iniciado de maneira tranqüila e romântica, no entanto, com o passar do tempo, transformando-se em violento e perigoso.

A gravidez foi apontada, por muitas mulheres, como fator desencadeante para a transformação do relacionamento conjugal, pois nesse período alguns homens, passam a ver o corpo da mulher como propriedade sua. O sentimento de posse sobre o corpo feminino, aliado ao ciúmes em relação ao ser que está sendo gestado, fazia com que alguns homens agredissem violentamente sua companheira durante o período de gestação ou logo após o nascimento da criança, em especial do primeiro filho do casal, causando, na mulher, muita frustração.

Uma vez iniciado o ciclo de violência conjugal, essas mulheres vivenciavam uma dinâmica familiar extremamente sofrida, marcada por cenas de ciúmes, discussões e agressões constantes, tanto física, quanto psicológica e sexual. Com uma alternância de periodicidade, as cenas de violência se repetiam sem a preocupação com os demais membros da família que geralmente presenciavam os fatos, sem muito ter o que fazer.

Além disso, a destruição da identidade e da cidadania não se dá somente através de palavras agressivas mas, concretamente, com a destruição de documentos pessoais (carteira de identidade, CPF e registro de nascimento). Fazer com que a mulher fique desprovida de identificação é uma maneira de manter a mulher dentro de casa, sem poder denunciá-lo ou tomar qualquer atitude judicial pois ela deixa de ser cidadã. É uma maneira de violar os direitos de ir e vir de um ser humano.

Dentre as violências sofridas, as mulheres referiram ser a psicológica a pior delas, pois é diária e constante, caracterizando-se como uma tortura interminável. As violências física e sexual, por sua vez, despertavam sentimentos de raiva e impotência nas mulheres, que durante as agressões eram obrigadas a lutar contra a força física masculina ou renderem-se a eles, para evitar maiores ferimentos.

Em relação à violência sexual, existem dois aspectos a serem considerados: o trauma gerado nas mulheres, freqüentemente resultando em perda do desejo sexual; e a negligência em relação aos cuidados de saúde. Na violação sexual, a mulher não tem a opção de proteger-se com preservativos pois os companheiros, não raramente, drogados ou alcoolizados, não aceitam o uso desse insumo.

Por esse motivo uma das mulheres entrevistadas foi infectada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Pontua-se aqui, a situação de risco para o contágio de infecções sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV, a que estão expostas as mulheres que passam por violência doméstica.

Conhecer como se desenvolve o fenômeno da violência doméstica é fundamental para os profissionais envolvidos no cuidado a essas mulheres, pois dessa maneira é possível nos instrumentalizarmos para melhorar a acolhida desse grupo especial de clientes.

Enquanto um problema de Saúde Pública a Violência Doméstica atinge mulheres de todas as idades e classes sociais. Observa-se uma falta de capacitação dos profissionais de saúde frente a essa demanda populacional uma vez que os mesmos não se sentem seguros para dar orientações e realizar encaminhamentos precisos em relação a esta temática.

Com os resultados que emergem deste estudo pretende-se justificar a necessidade da criação de projetos que visem a qualificação dos profissionais de saúde para atuarem frente a essa problemática. Pretende-se ainda chamar a atenção dos docentes dos cursos de graduação para invisibilidade da violência do-

méstica ao longo dos currículos acadêmicos que estruturam a formação dos novos profissionais da área da saúde.

Deseja-se que este estudo, principalmente, que a fala das mulheres possa sensibilizar os profissionais de saúde no sentido de estarem repensando sua atitude diante dessas situações.

Deseja-se ainda que sirva de alerta para a importância de se estar constantemente lutando para o combate da violência de gênero, em todas as instâncias sociais. Não se pode cometer o engano de pensar que o problema está diminuindo, pois ele continua se alastrando, sorrateiramente, entranhado nas relações entre homens e mulheres de todas as faixas etárias.

Por esse motivo, um passo seguinte ao trabalho, aqui realizado, diz respeito à necessidade de serem ouvidos e acolhidos igualmente os homens que praticam esse tipo de violência contra suas companheiras e filhos. Assim como é necessários profissionais capacitados para o atendimento das mulheres, não se deve esquecer que este é um problema relacional, onde o casal precisa de ajuda.

Emerge a necessidade de maior compreensão de todos os personagens envolvidos na problemática da violência doméstica no sentido de dispensar à família em questão, além do simples atendimento, uma acolhida, do ponto de vista holístico.

REFERÊNCIAS

- 1 Pandijarjian V. Sociedade, direito e estado em tempos de violência. *In*: Kupstas M. Violência em debate. São Paulo: Moderna; 1997. 160 p. p. 115-33. (Coleção polêmica. Série debate na escola).
- 2 Gross PK. Violência contra a mulher: implicações para os profissionais da saúde. *In*: Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR. Gênero e saúde. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1996. 156 p. p. 133-49.
- 3 Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Brasília (DF); 2001. 96 p. (Cadernos de atenção básica; 8. Série A: normas e manuais técnicos; 131).
- 4 Jovchelovitch S, Bauer MW. Entrevista narrativa. *In*: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. 516 p. p. 90-113.
- 5 Poilt DF, Hungler B. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995. 391 p.
- 6 Silveira N. A propriedade intelectual e as novas leis autorais. 2ª ed. São Paulo: Saraiva; 1998. 345 p.
- 7 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília (DF) 1996 out 16; Seção 1:21082-5.
- 8 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO; 1996. 267 p.
- 9 Ferreira GB. Hombres violentos, mujeres maltratadas: aportes a la investigación y tratamiento de un problema social. 2ª ed. Buenos Aires: Sudamericana; 1995. 430 p.
- 10 Prates AB. Gênero e sexualidade na exclusão social da menina de rua [dissertação de Mestrado em Educação]. Porto Alegre (RS): Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1998. 180 f.
- 11 Guia de direitos humanos: fontes para jornalistas. São Paulo: Cortez; 2003. 367 p.
- 12 Nunes MR. Uma intolerável discriminação. *In*: Nunes MR. Os direitos humanos das mulheres e das meninas: enfoques feministas. Porto Alegre (RS): Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul; 2002. p. 66-72.
- 13 Marcha Mundial de Mulheres. Construindo um mundo de respeito e igualdade entre mulheres e homens. *In*: Sydow E, Mendonça ML, organizadores. Direitos humanos no Brasil 2002: relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos em parceria com Global Exchange. São Paulo: Peres; 2002. 290 p.

- 14 Portela AP. Novas e velhas questões sobre corpo, sexualidade e reprodução. *In: Ávila MB. Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade.* Recife (PE): SOS Corpo; 2001. 286 p. p. 71-130.
- 15 Suárez M, Machado LZ, Bandeira LM. Violência, sexualidade e saúde reprodutiva. *In: Galvão L, Díaz J, organizadores. Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios.* São Paulo: HUCITEC; Population Council; 1999. 389 p. p. 277-309.
- 16 Chauí M. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1984. 234 p.
- 17 Grossi MP. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. *In: Pedro JM, Grossi MP. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.* Florianópolis (SC): Mulheres; 2000. 320 p. p. 293-313.
- 18 Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos. Dossiê de assimetrias raciais no Brasil. Belo Horizonte (MG): Rede Feminista de Saúde; 2003.
- 19 Ávila MB. Feminismo, cidadania e transformação social. *In: Ávila MB. Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade.* Recife (PE): SOS Corpo; 2001. 286 p. p. 13-70.
- 20 Diniz NMF, *et al.* Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *In: Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo 1967;1(1):81-8.*
- 21 Grossi PK. Violência contra a mulher na esfera doméstica: rompendo o silêncio [dissertação de Mestrado em Serviço Social]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica; 1994. 238 f.
- 22 Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BR). Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência contra a Mulher. Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e gênero: construindo políticas públicas. Brasília (DF), 2003.

Endereço da autora/Author's address:

Anna Maria Hecker Luz
Rua São Manoel, 963
90.620-110, Porto Alegre, RS, Brasil

Recebido em: 29/03/2004

Aprovado em: 25/07/2004